

MST: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COLETIVA DOS SUJEITOS

Daiane Kull de Melo¹
Maraiz Siqueira Nascimento¹
Thayná Ferreira Gonçalves¹
Naiara Ferreira Vieira Castello²

¹Acadêmicas de Psicologia.

²Mestre em Psicologia Institucional, professora do curso de Psicologia na Faculdade Capixaba de Nova Venécia (Multivix) e orientadora

RESUMO

Este trabalho visa descrever a formação da identidade coletiva dos sujeitos Sem Terra, bem como a importância da estrutura organizativa (que vai desde a organização dos núcleos de bases nos acampamentos à sua instância maior que é o congresso) e elucidar a influência dos símbolos já consagrados no estabelecimento de sentimento de pertença pelo movimento. Para isso, será necessário destrinchar o processo de construção da identidade coletiva dos membros do MST, discutir a importância do estudo sobre coletividade neste grupo e explicar como necessidades de reparações sociais afetam a formação de grupos. Portanto, estudar a organização e a mística como manifestação cultural desse movimento, a partir da Psicologia Social, se faz relevante do ponto de vista acadêmico, pois fornecerá dados consistentes sobre como acontece a evolução que tem como ponto de partida da identidade individual para a coletiva. O método utilizado foi uma pesquisa exploratória, sendo realizada por meio de um questionário virtual, no qual obtivemos 17 respostas, em que os participantes relataram suas atividades e experiências dentro do movimento, o que ajudou a elucidar mais o tema proposto.

Palavras-chave: Movimento Sem Terra; identidade; mística.

ABSTRACT

This work aims to describe the formation of the collective identity of Landless subjects, as well as the importance of the organizational structure (which ranges from the organization of the base nuclei in the encampments to its highest instance, which is the congress) and to elucidate the influence of the already established symbols. In establishing a sense of belonging by the movement. For this, it will be necessary to unravel the process of construction of the collective identity of the members of the MST, discuss the importance of studying the collectivity in this group and explain how the needs of social reparations affect the formation of groups. Therefore, studying organization and mystique as a cultural manifestation of this movement, from the point of view of Social Psychology, is relevant from an academic point of view, as it will provide consistent data on how the evolution takes place, which has as its starting point the individual to the collective identity. . The method used was an exploratory research, being carried out through a virtual questionnaire, in which we obtained 17 responses, in which the participants reported their activities and experiences within the movement, which helped to further elucidate the proposed theme.

Keywords: Landless Movement; identity; mystique.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo se encarrega de apresentar e elucidar o desenvolvimento e construção da identidade coletiva de participantes do Movimento dos

Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A temática abarca aspectos psicológicos e sociais que, por sua vez, são fundamentais para noções de pertencimento e coletividade. Belo e Pedlowski (2014) informam que, após o regime militar, formou-se um dos principais movimentos de luta pela terra, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que, buscando por uma nova sociedade, solicita uma nova composição da estrutura social vigente para que se tenha menos exclusão e mais justiça.

Isso mostra quão peculiar foi e é a visão de mundo e sociedade narrada e pregada pelo MST. Um movimento que pensa alterações sociais precisa de união e identificação, nesse sentido, para Zacchi (2007), o MST tem por objetivo lutar por reforma agrária, reivindicando melhores condições de vida e trabalho para pessoas residentes em zonas rurais.

Para alcançar esses objetivos, o MST tem-se aliado a grupos sociais diversificados, que podem agir tanto local quanto globalmente. São grupos que não têm necessariamente as mesmas causas que o movimento, como reforma agrária ou financiamento agrícola, mas que têm em comum com o MST a condição de serem grupos minoritários de resistência aos interesses dos grupos dominantes e hegemônicos. Na pauta do movimento, portanto, entram também questões como diferenças de classe, gênero e etnia, ou ainda aquelas relacionadas ao ambientalismo. Todos esses aspectos pressupõem alguma forma de negociação e articulação, gerando conflitos e contradições que são extremamente importantes para a construção da identidade do movimento (p. 26).

A causa defendida por este movimento implica de diversas maneiras na formação da subjetividade e, por conseguinte, da identidade. Wautier (2012) explica que estes fatores são influenciados não só pelo coletivo, mas também pelo trabalho e tudo que afeta a classe trabalhadora ou grupos que a compõem. Assim, a noção identidade, pertencimento, funções e papéis se faz e refaz.

Sabendo que as bandeiras de luta e o trabalho contribuem para o sustento da coletividade em discussão neste estudo, ressalta-se a pertinência do tema, sobretudo, porque são causas não apenas políticas e sociais, mas também que requerem discussões psicológicas devido a suas análises biopsicossociais, considerando o ser humano como ser multifacetado, multideterminado e com fenômenos diversos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. HISTÓRIA DO MOVIMENTO SEM TERRA (MST)

O marco da consolidação do MST enquanto movimento social se deu durante um encontro em janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Ao longo da sua história, o movimento foi ganhando espaço em nível nacional, tendo atualmente representação em 24 estados brasileiros, contabilizando cerca de 350.000 famílias que conquistaram o direito a terra (ASSIS; LANZA; NEVES, 2019).

Para entender melhor os discursos do MST em relação à reforma agrária, Bosetti (2018) elenca quatro momentos diferentes para serem analisados:

O contexto pré-formativo oficial do MST (1981-1984); o período da transição democrática (1985-1989) em que se discutiu a Política Nacional de Reforma Agrária (PNRA); a expansão e radicalização do movimento durante a década de 1990; o período da guinada discursiva a partir da década de 2000 (BOSETTI, 2018, p.86).

Mesmo que essa divisão não seja estática, está organizada na visão de mudanças com “ênfase no discurso em razão das disposições objetivas e subjetivas das disputas sociopolíticas enunciadas nos documentos e nas manifestações discursivas produzidas pelo MST” durante os congressos (BOSETTI, 2018, p.86).

2.1.1. Os congressos

A partir do primeiro encontro foram organizados seis congressos nacionais, que aconteceram em diferentes regiões do Brasil, tendo como objetivos a definição dos princípios do MST e deliberação das ações de intervenções coletivas no intervalo de 5 anos. O lema do 1º Congresso, que aconteceu em Curitiba, Paraná, entre os dias 29 e 31 de janeiro de 1985, foi “Terra para quem nela trabalha”. Já o 2º Congresso do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra aconteceu em Brasília no ano de 1990, e contou com

o lema “Ocupar, Resistir, Produzir”. Sendo assim as ocupações de terra novamente foram reafirmadas como símbolo de luta (BOSETTI, 2018).

O movimento adquiriu novas visões a partir do último congresso, com o aumento da população nas cidades houve conscientização de que o movimento pela Reforma Agrária não era uma luta apenas para beneficiar agricultores, e sim uma forma de dar qualidade de vida as pessoas que estavam aglomeradas nas cidades, podendo assim levá-los de volta para o campo. Esta ideia foi exposta através das palavras de ordem do 3º Congresso: “Reforma Agrária, uma luta de todos” (SILVA; PRADA, 2019).

Em sequência foram realizados o 4º, 5º e 6º Congressos Nacionais do MST em Brasília, com as seguintes palavras de ordem “Por um Brasil sem latifúndio”, “Reforma Agrária, por Justiça Social e Soberania Popular” e “Lutar, Construir Reforma Agrária Popular!” (MST)

2.1.2. Organização do MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem elaborado transformações ao longo de sua trajetória, a cada congresso sua estrutura de tomada de decisão e de mobilização foi se adequando aos problemas e desafios enfrentados pelo Brasil e agregando mais adeptos, sendo hoje um dos maiores e mais importante movimento social do Brasil (MIRANDA; CUNHA, 2013). Sua política é baseada em ideais revolucionárias, e a prática é proposta em termos de resultados, conquistas, desempenho e eficiência. Os acampados desempenham ações coletivas para que todos possam adquirir benefício comum, no caso a terra.

Neste sentido, Miranda e Cunha (2013), destacam que

O modelo organizacional implementado pelo MST a partir de 2003 é o resultado do aperfeiçoamento e da incorporação de formas de organização que já vinham sendo utilizadas anteriormente, juntamente com uma modificação significativa na estrutura formal anterior. Este modelo de organização é resultado de anos de debates e observações realizadas pelas lideranças e assessores do movimento (p. 364).

Assim, durante todos esses anos de luta, o MST procurou construir uma organização que tivesse propostas que fossem suficientemente capazes de

atender às necessidades dos camponeses e dos indivíduos às margens das grandes cidades.

2.2. IDENTIDADE SEM TERRA

Na perspectiva da psicologia social a identidade é uma construção constante que envolve vários processos. Ciampa (1989) argumenta que a mesma consiste em um constructo social que resulta da relação entre o indivíduo e a sociedade em que está inserido, considerado pelo autor um fator fundamental para a emancipação humana.

O MST, ao buscar valorizar o trabalho e as tradições do povo camponês, traz uma nova visão em relação à sociedade e à realidade, formando ao longo de sua história uma identidade coletiva. Para Alvaides e Scopinho (2013), o processo de transformação identitária de trabalhadores rurais Sem Terra, se dá na sua relação com a estrutura social e o lugar de pertencimento. Deste modo, a constituição do sujeito Sem Terra ocorre através da realidade compartilhada, dos objetivos e princípios em comum.

O MST, ao defender princípios organizativos que resgatem, valorizam e ressignificam as heranças culturais trazidas pelos trabalhadores rurais em seus quadros de memória, procura criar condições para que eles vivenciem o sentimento de unidade, continuidade e coerência. Assim, o Movimento entende que o sujeito, por estar inserido em um movimento social que luta politicamente pela terra, pode passar da condição individual de estar semterra para a de ser Sem-Terra (ALVAIDES; SCOPINHO, 2013, p. 290).

A trajetória remete a um processo de fazer-se humano na história que se produz atrelado à luta social, constituindo, inclusive, parte de uma causa sociocultural ampla e dinâmica. Ainda que estas pessoas não tenham plena consciência disso, o movimento excede seus interesses corporativos e tenciona novas adjacências para a sociedade. Fazemse sujeitos de um movimento que acaba discutindo a forma de ser da sociedade atual e a cultura espelhada e concretizada por ela. Isto ocorre porque contestam a ordem social. Nos acampamentos e assentamentos, como também na educação das crianças, incluindo também jovens e adultos. Devido à sua coletividade, projetam valores

que não se assemelham aos cultivados pela sociedade atual. Isso se dá, principalmente, pelo processo de humanização que concebem, e pelos novos capítulos que anseiam na cena do país (CALDART, 2001).

Além destes aspectos históricos, deve-se também ter atenção com a cultura e a arte, pois é através dos conjuntos de práticas e costumes que se pode observar de outros modos os significados diversos que um grupo ou movimento carrega. A cultura é política, figurando-se como expressão das representações de pensamentos, de visões de mundo que os indivíduos têm condições de elaborar em relação a seus elementos simbólicos ao longo de sua existência. Assim como nos movimentos sociais, esses sujeitos produzem novos símbolos e códigos que julgam contribuir para corrigir aspectos da realidade e manter outros. No caso do MST, a questão menciona o acesso à terra (JUNIOR; LAMBIASI, 2005).

Movimentos sociais se põem a questionar espaços culturais causando conflitos na esfera política, afinal necessitam assegurar sua identidade como movimento e as pautas estabelecidas. Por isso, o MST preserva manifestações artísticas e tenta manter distância da estratégia das elites de comercialização, pois visam ao lucro. Este fato faz com que o movimento se posicione como um grupo de resistência, lutando contra a dominação da elite. O MST, portanto, coloca-se numa luta de valorização das manifestações artísticas e fomentam festivais e concursos (JUNIOR; LAMBIASI, 2005).

Os mesmos autores ainda explicam que a Psicologia deve considerar todos estes fatores supracitados e evitar o tradicionalismo limitante. Além disso, complementam:

Pensar a identidade coletiva de um grupo social é caminhar na perspectiva de que o sujeito está sempre construindo e desconstruindo seu pertencimento a um grupo e que os vários elementos que compõem a realidade são elaborados pela subjetividade de cada membro do movimento social (p. 78).

Concomitantemente, ressalta-se que, além da luta agrária e da arte, o trabalho também compõe o contexto e, nessa perspectiva, Wautier (2012) informa que funções, papéis e trabalho afetam os grupos, influenciando em sua visão de mundo que, por conseguinte, está associada à noção lugar e pertencimento. Sendo o último produzido a partir das vivências nos acampamentos,

assentamentos, marchas e outros tipos de reunião e debate. Muitas vezes a escassa condição de vida e bem estar, a solidariedade, as expectativas de mudança, a luta contra o que é injusto e indigno (como o capitalismo e a sociedade burguesa) e a cultura também favorecem o sentimento de pertença (CASTRO, 2005).

A partir do momento em que o jovem se sente parte do Movimento Sem Terra, começa a se perceber no processo de resistência e focado na luta pela terra, dando sentido às vivências em âmbito individual e coletivo. No mais, quer-se dizer que é mais que puramente individual e subjetivo, é também coletivo e identitário grupal, envolvendo causas pela terra, moradia, trabalho, educação e profissionalização (CASTRO, 2005).

Em virtude disso, Belo e Pedlowski (2014) afirmam que a subjetivação construída no MST foi gerada através de uma reeducação do indivíduo por meio da postura coletiva, facilitando a substituição da postura individualista que antecedeu a pauta pela reforma agrária.

2.3. A IMPORTÂNCIA DA MÍSTICA NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Pode-se notar que a literatura ressalta a importância de muitos aspectos no que diz respeito à formação e constituição do movimento. Autores e autoras pontuaram que a noção de coletividade e de sociedade influencia na subjetividade das pessoas que compõem o grupo, assim como a arte é indicada como forma de expressão e manutenção do movimento. Caldart (2001) salientou que integrantes do MST fazem-se seres enquanto praticantes e defensores de suas causas, incluindo o processo educacional dos mesmos. Por sua vez, Junior e Lambiasi (2005) atribuem à arte e à cultura como veículos de expressão, comunicação e peças fundamentais para o bem-estar coletivo e homogeneização. Contudo, todo este universo é multifacetado.

Para Coelho (2011), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é alvo de pesquisa nos mais distintos campos do saber e isso se dá pela

riqueza, amplitude e dinâmica que vem se movimentando através da sociedade como, por exemplo, sua estrutura organizacional, normas e valores próprios.

Explorando ainda mais tal perspectiva, o autor aborda o termo “mística”, explicando que o mesmo é muito comum dentro do movimento, designando a “alma” do grupo, ou seja, suas características mais fundamentais e peculiares. Assim, o autor aborda:

A prática da mística acompanhou o MST desde suas primeiras mobilizações, e o seu fazer ganhou destaque entre as tantas atividades e ações desenvolvidas por sua organização. Quando se participa de alguma atividade desenvolvida pelo MST ou se lê os seus materiais, é muito difícil não ouvir pelo menos uma vez a palavra mística. As expressões fazer a mística, precisamos de uma dose de mística, não podemos deixar a mística morrer, são comuns entre os sujeitos que integram o Movimento. Na organização do MST há um constante investimento no fazer dessa prática. A mística se tornou fundamental ao longo da trajetória histórica do Movimento, sendo esta considerada a sua alma (p. 327).

Coelho (2011) observa que a “mística” também apresenta cunho religioso, metafísico e abstrato, aspecto importante para se conhecer adequadamente a coletividade em questão e como estão a ver a si mesmos (as) e o mundo.

Ressalta-se que a *mística* enfatizada é uma prática no MST e, sendo uma prática, possui algumas formas particulares de se manifestar, ou ser concretizada. A mística teve como principais incentivadores os *agentes religiosos* que apoiavam e prestavam assessoria ao MST em seus primeiros anos de existência. Assim como outras práticas, foi sendo sistematizada e ganhou destaque em meio as lutas e nas mais diversas atividades que o Movimento empreende. A mística é uma espécie de ritual e celebração, que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos variados. Essa prática é realizada nos mais variados espaços como nos acampamentos, assentamentos, em Encontros, Congressos e nas diversas manifestações que o MST organiza. Em geral é praticada em forma de teatro, contendo músicas, poesias e diversos elementos simbólicos em seu interior (p. 327).

Para a organização do MST, aponta Coelho (2011), a mística se tornou um elemento estratégico no que tange o fato de que nos diversos espaços em que é realizada, ela possui suas intencionalidades, o que torna seu estudo desafiador na medida em que se analisa de forma distinta, observando cuidadosamente o seu fazer e significados. Pode-se entendê-la também como uma prática cultural e política. Trata-se de instâncias fundamentais para o entendimento da sua produção de sentidos entre integrantes e, deste modo,

como uma prática cultural e política. Além disso, por meio da mística, são edificadas suas visões de mundo, valores e crenças, estabelecendo seus antagonistas e aliados. O autor salienta que a prática da mística se tornou tão valorizada para esta coletividade devido ao fato do fomento da comunicação de maneira eficaz e comum. Em um sentido histórico, é um poder eficaz, consolidando significados e sentidos para a vida dos homens e mulheres. O autor conclui:

Um aspecto fundamental que perpassa o fazer da mística no MST, se refere a sua relevância para a construção de uma identidade coletiva, ou melhor: uma identidade coletiva Sem Terra. Sendo construtora de representações, no Movimento, a mística também se torna uma prática identitária. O Movimento através da mística busca edificar sua identidade coletiva, em que os sujeitos são estimulados a interiorizar seus valores, visões de mundo, e modos de ser particulares ao grupo (p. 328).

Em sua dissertação de mestrado, Castro (2005) informa que os jovens merecem lugar de destaque quanto ao entendimento e prática da mística e, dentre outros motivos, são estes quem irão difundir a mística nos anos seguintes. Nesse sentido, a autora supracitada comenta que jovens constituem-se a partir de um conjunto de situações, espaços, condições, relações, conflitos, negações e afirmações. No MST não seria diferente. O reconhecimento de si no mundo através do MST, não mais como criança ou adulto, mas como jovem participante de ações coletivas.

Embora a mística favoreça a união e consolidação do grupo, é importante notar que a identidade coletiva possui muitos aspectos e não se esgota facilmente, além de estar em constante mudança. Júnior (2017) aponta que o processo de formação grupal evidencia a constituição de uma identidade coletiva, contudo, não tange uma identidade fixa, pois está continuamente em movimento e modificação.

3. METODOLOGIA

De acordo com Gil (2010) o viés exploratório consiste em desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

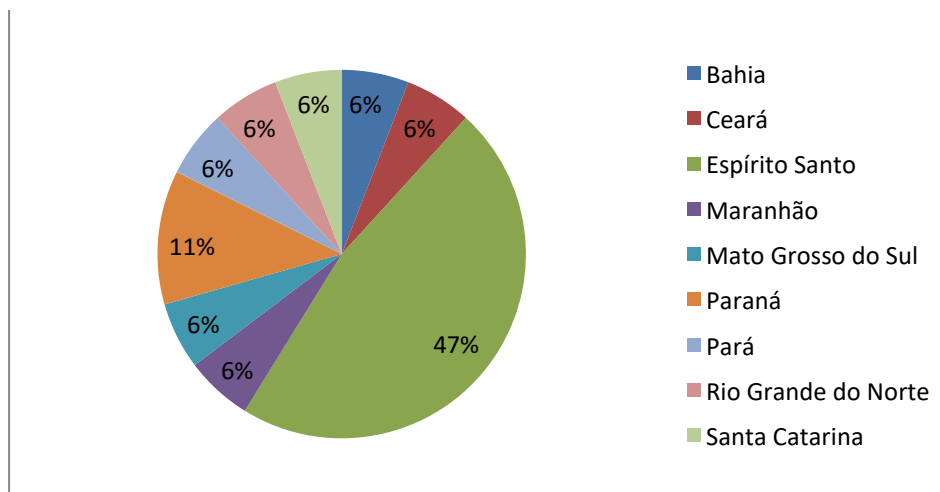
Sua principal vantagem é conceder ao pesquisador acesso às informações a respeito de diversos fenômenos, bem como ser de grande ajuda em estudos históricos.

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário virtual, disponibilizado em um link (por meio de um formulário web, elaborado a partir do Google Forms, aplicativo do Google que permite a criação, compartilhamento e disponibilização de formulário na web), encaminhado aos membros e colaboradores do MST e respondido durante o período de 25 de setembro à 09 de outubro de 2020. A amostra da pesquisa compreendeu 17 respostas obtidas pelos participantes, que serão identificados como P1- P17. Este questionário foi a ferramenta metodológica que norteou a pesquisa, sendo que sua elaboração visava discutir questões relativas à importância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra para os estudos sobre coletividade, subjetividade e identidade em grupos, assim, entender como se dá esse processo de desenvolvimento e construção de tais fatores psicológicos. As buscas bibliográficas que embasaram a pesquisa foram realizadas utilizando artigos científicos disponíveis no Scielo, Google acadêmico e revistas científicas. Para aprofundar no tema deste estudo, foram apresentadas 06 questões com a finalidade de obter um parecer acerca dos objetivos da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa houve representação de 09 dos 24 estados brasileiros em que o MST está organizado, sendo eles: Bahia, Ceará, Espírito Santo (destacando-se com maior número de participantes), Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraná, Pará, Rio Grande Do Norte e Santa Catarina, conforme exposto no Gráfico 1. Das 17 pessoas que participaram, 13 (76,5%) são assentadas e 04 (23,5%) são colaboradores.

Gráfico 1: Representação dos estados na pesquisa.



Fonte: Questionário 2020

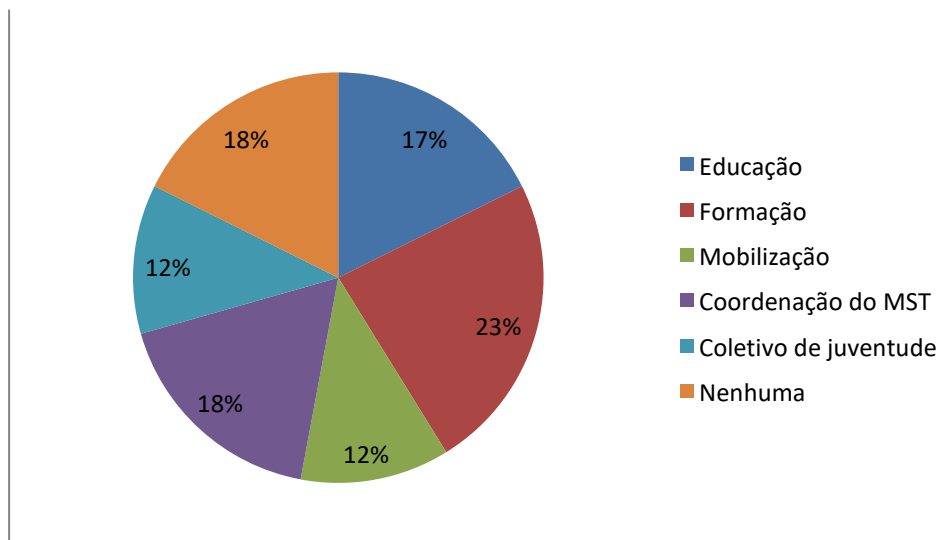
Dentro da estrutura organizacional do MST, estão os setores de trabalho, que perpassam desde os acampamentos até a Direção Nacional, que é a sua instância maior. De acordo com Oliveira (2014), tais setores visam contribuir para o melhor planejamento das necessidades comuns, que são: Educação, Saúde, Gênero, Produção, Cultura, Juventude, Formação, Frente de Massas, Finanças, Comunicação e Direitos Humanos. A presente pesquisa contou com pessoas ligadas aos seguintes setores: Educação, Formação, Mobilização, Coordenação do MST e Coletivo de juventude, conforme apresentado no Gráfico 2.

O setor de formação possui papel fundamental pra a continuação da luta do movimento, através do preparo de sua militância, sendo assim, Oliveira (2014) destaca:

A concepção de formação do MST sempre esteve vinculada à sua estratégia geral, ou seja, fazer mudanças na sociedade, mobilizando forças e recursos a partir da luta pela terra e pela Reforma Agrária, objetivando a transformação do atual modelo de sociedade. A sua concepção de formação é de contribuir com/para que sua base, seus militantes e seus dirigentes adquiram os conhecimentos necessários para o desenvolvimento da luta, possibilitando mudanças objetivas nas relações de vida e de trabalho nos assentamentos, sempre na perspectiva de que eles possam exercer ao máximo a definição de caminhar rumo à sua estratégia geral, qual seja, a

construção de uma sociedade justa, igual, calcada na valorização do ser humano (p. 90).

Gráfico 2: Referente as atividades do MST que os participantes contribuem.

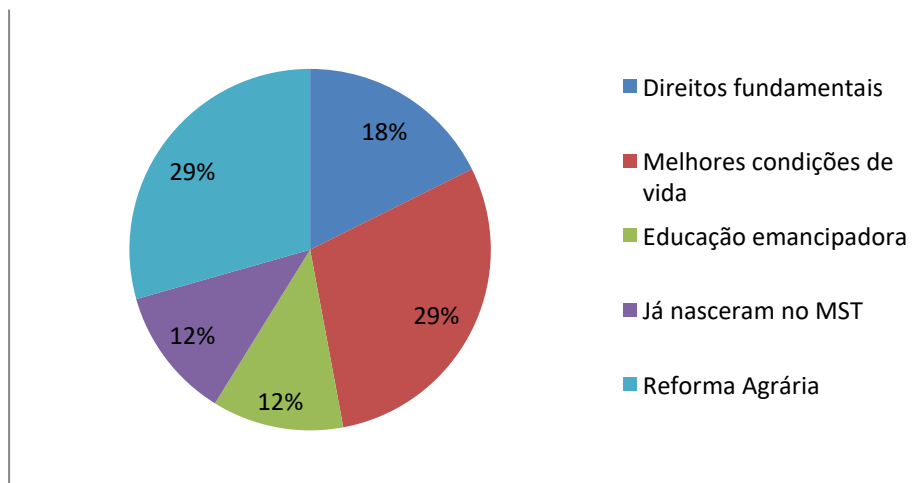


Fonte: Questionário 2020

Conforme Oliveira (2014), além de Setores, existem os Núcleos de Bases dentro dos assentamentos e acampamentos, que são espaços de discussões, debates, estudos e encaminhamentos. Nestes são postas as questões para a discussão, e estas são permeadas tanto por questões que ocupam as outras instâncias (mais gerais), como também as do dia-a-dia local e suas especificidades.

Ao ser investigada a motivação dos participantes a entrarem no MST (Gráfico 3), estes ressaltaram que foi a necessidade de uma organização que lute pelos direitos fundamentais, por uma vida digna para todos, e que, além disso, proporcione meios para trabalhar na terra, promovendo uma educação emancipadora e justiça social, buscando uma sociedade humanamente transformada. Para o P1 a motivação foi *"a conquista de uma terra para a garantia de melhores condições de vida."* O P10 alega: *"o que me levou a aderência do movimento é saber que este além de ser o maior responsável pela reforma agrária, também é o maior movimento social da América Latina."* Alguns participantes trouxeram em suas contribuições que o movimento representa esperança e liberdade.

Gráfico 3: Referente ao que motivou os participantes a entrarem no MST.



Fonte: Questionário 2020

Dentre os fatores motivadores da luta no MST, destaca-se a capacidade de organicidade do movimento, a qual não é possível acontecer sem a ação coletiva do grupo.

Neste sentido, Belo e Pedlowski (2014) afirmam que

A inserção na luta pela terra, e a formação dos acampamentos permite a incorporação de novas práticas coletivas antes ausentes do horizonte cultural destes indivíduos, como por exemplo, a participação em manifestações, assembleias, coordenação de comissão de trabalho, que instrumentalizaram os acampados com maior capacidade de organização na luta pelos direitos fundamentais, que garantem a sobrevivência e a cidadania. Isto permite compreender que a vivência do acampamento e as experiências acumuladas foram fundamentais para a consolidação de uma identidade coletiva. Isto se deve ao fato, de que as redes de solidariedade foram forjadas durante as experiências no acampamento, que permitiu ampliar o valor dado à ação coletiva (p. 82).

Posto isto, os autores em questão complementam ao explicar que a subjetivação construída no MST foi gerada através de uma reeducação do indivíduo por meio da postura coletiva, facilitando a substituição da postura individualista que antecedeu a pauta pela reforma agrária.

Em relação ao papel dos jovens na construção e afirmação da identidade Sem Terra, percebeu-se múltiplos pontos de vistas, que foram desde a continuidade do MST, à uma nova frente que busca constantemente renovar, inovar e recriar estratégias que conduzirá a organização e seus princípios.

Contribuindo desde a ocupação de terra, com a força necessária para erguer barracos, à vontade de mudança que leva o acampamento a ser mais que um espaço de moradia e produção. Mas, um espaço de vivência, possibilitando a formação com místicas, músicas e símbolos do MST, sempre resgatando a arte, a cultura, e a essência da história.

É de consenso entre os participantes da pesquisa, que a juventude tem uma função crucial em todo o processo de construção e afirmação da identidade. Em virtude disso, o MST está sempre visando o preparo dessas novas gerações, com o objetivo de fortalecer as bases através da inserção dos jovens em toda a sua estrutura organizativa. Conforme exposto por Santos (2007),

Essa “atenção” aos jovens, como parcela específica só começa a partir de 1999. O MST, nas suas reuniões nacionais, começa a discutir formas de envolver ainda mais a juventude na construção do movimento e de um projeto diferente de sociedade. Para isso, organiza mutirões, campanhas de formação, inserção dos jovens nos setores e nas instâncias de decisão, dentre outras (p. 76).

Castro (2005) complementa o raciocínio e indica que compreender o processo de fazer-se jovem no MST mudou a perspectiva de simplesmente abranger o jovem como parte da reprodução política do Movimento. É preciso ir além de tal ótica obsoleta e valorizar âmbitos multifacetados que envolvem estes jovens, lembrando sempre que a cultura se altera, bem como o ser humano. Por fim, é destacado que os pertencimentos juvenis se deram mediante as vivências nos acampamentos, assentamentos, marchas, ocupações e manifestações artísticas.

A maioria dos participantes afirmou que a mística é a motivação para a luta, sendo símbolo de resistência para o movimento. Além de enaltecer as lutas passadas, a mística ajuda os militantes a compreender a realidade, resgatar sua essência, princípios e a importância de cada sujeito na luta pela superação da sociedade capitalista. Outro participante afirma que a mística foi à primeira coisa que chamou sua atenção, pelas músicas, pela alegria do povo, alegando ainda a importância da mesma na formação do ser Sem Terra,

através da construção estética e do conteúdo necessário a ser incorporado e absorvido para que possam ser verdadeiramente agentes do movimento.

Junior e Lambiasi (2005) ressaltam que com as manifestações artísticas, os símbolos foram sendo construídos ao longo da caminhada. Inicialmente com caráter de cunho religioso e que no decorrer das lutas foram agregando novos significados. Os símbolos do MST hoje tem um grande papel de unificar e motivar os Sem Terras fazendo parte da sua identidade.

A bandeira, o hino, as palavras de ordem, as ferramentas de trabalho, os frutos do trabalho no campo etc. Eles aparecem, também, de muitas formas: no uso do boné, nas faixas, nas músicas etc. as músicas são um símbolo muito importante. O próprio Jornal do Sem Terra, para o MST, já é mais do que um meio de comunicação. É um símbolo. O militante se identifica, tem afinidade, gosta dele (JUNIOR; LAMBIASI, p. 75).

No dia a dia, o movimento busca articular a manifestação artística como a mística, e percebe-se que os mesmos encorajam os militantes a lutar e a se enxergar como um grupo. Dessa maneira (JUNIOR; LAMBIASI, 2005), afirmam que a mística se constitui como identidade à medida que se torna esse ponto de encontro, ponto de sutura fundamental no processo de formação identitária do Sem Terra.

“A mística é a mais linda e representativa das simbologias, ela representa cultura, representa a identidade do povo sem terra, a mística é a sinergia que faz manter viva a esperança de um mundo novo por justiça social e equidade.” (P10).

Assim como alguns participantes colocaram a questão de que a mística é fundamental para a vida e para a luta. Sem ela na vida cotidiana, perde-se a alegria, a vibração, o interesse e a motivação de viver. Sem mística na luta, perde-se a vontade, a combatividade, a criatividade e o amor pela causa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma compreensão do movimento Sem Terra de uma forma ampla, e ao mesmo tempo particular, além de conhecermos sua história, razão de existir e importância social, obtivemos uma análise através do olhar de quem o vivencia cotidianamente.

Foi constatado que o MST tornou-se ao longo do tempo muito mais do que uma organização social que luta pela terra. Seus princípios e objetivos visam a transformação da sociedade, para que seja mais igualitária e justa. Para isso, procura está em constante formação, de modo que não perca suas raízes e permita aos militantes uma visão crítica acerca da realidade. Neste sentido, observa-se que o movimento possui uma identidade própria, construída no decorrer da sua história, baseada em aspectos culturais e subjetivos que reforçam a essência de ser Sem Terra. Conforme explana Santos (2007),

A formação política no MST é entendida como um processo que pressupõe uma relação direta entre a prática e a teoria, por isso visa uma ação transformadora, buscando formar homens e mulheres novos, sujeitos da história e construtores de uma nova sociedade (p. 70).

De um modo geral, a pesquisa permitiu a compreensão e descrição de aspectos fundamentais que atuam em conjunto na construção da identidade Sem Terra. Tanto a bibliografia consultada, quanto a análise qualitativa dos resultados destacaram a mística como fator crucial nesse processo, sendo descrita como uma forma de expressão das ideias, de resgate da cultura camponesa, resistência aos opressores e motivação para a continuidade da luta. Além disso, torna-se clara a importância dos jovens como atores essenciais, no trabalho cotidiano, ocupando espaço em todas as instâncias do movimento, e sendo responsáveis por manter viva a sua identidade e propósito.

REFERÊNCIAS

- ALVAIDES, N. K.; SCOPINHO, R. A. De sem-terra a Sem-Terra: memórias e identidades. **Psicologia e sociedade**, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 288-297, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/06.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- ASSIS, L. C.; LANZA, F.; NEVES, J. W. A. A Relação entre Mística, Religiosidade e Política no processo de Mobilização Social do Assentamento Eli Vive (MST - Londrina – PR). **Revista Mosaico**, v. 13, p. 90103, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7736>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BELO, D. C.; PEDLOWSKI, M. A. Acampamentos Do Mst E Sua Importância Na Formação Da Identidade Do Sem Terra. **Revista**

Nera, n. 24, p. 71-85, jan/jun., 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/2581>. Acesso em: 28 mar. 2020.

BOSETTI, C.J. **Da questão agrária à agroecologia**: a narrativa da reforma agrária no Brasil. In: TEDESCO, J.C., SEMINOTTI, J.J., and ROCHA, H.J., ed. Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil: questões contemporâneas [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, p. 82-123. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/qrdv5/pdf/tedesco9788564905764-04.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

CASTRO, C. V. S. **A Mística de tornar-se jovem no MST**: a experiência do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. 142p.

Disponível em:

http://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/08/2005.disserta%C2%BA%C3%BAo.c ar men_veronica_dos_santos-castro.pdf. Acesso em: 29 out. 2020.

CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 207-224, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

CIAMPA, A. C. Identidade. In.: ALBERTO, A. A.; et al. **Psicologia Social**: o homem em movimento. 8. Ed. SP: Brasiliense, 1989, p. 39-74.

COELHO, F. “É preciso fazer a mística”: o forjar de uma identidade coletiva sem-terra. **Dimensões**, Vitória, v. 26, p. 325-349, 2011. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2597>>. Acesso em 06 nov. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 edições. São Paulo: Atlas, 2010.

JUNIOR, N. L.; LAMBIASI, R. P. As manifestações artísticas no processo de construção da identidade coletiva do Sem Terra. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 43, p. 6979, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19797/19103>. Acesso em: 05 nov. 2020.

JUNIOR, N. L. Estudo da Identidade Coletiva de uma Comuna Urbana de Porto Alegre. **Revista Psicologia Política**, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 552-568, 2017.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519549X2017000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 out. 2020.

MIRANDA, R. S.; CUNHA, L. H. A estrutura organizacional do MST: lógica política e lógica prática. **Cad. CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 363-376, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792013000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 Nov. 2020.

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **A História da luta pela terra**. [20--]. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/00-04/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

OLIVEIRA, A. A. **Formação e trabalho no Movimento Sem Terra (MST):** processos de resistência do campesinato. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. 231p. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9NYL4R/1/disserta__o_antoniell_pronta.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

SANTOS, E. L. JUVENTUDE, FORMAÇÃO POLÍTICA E IDENTIFICAÇÃO NO MST. **Libertas**, Juiz de Fora, p.68 - 81, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18217>. Acesso em: 10 Nov. 2020.

SILVA, C. G.; PRADA, C. A. Saúde no campo: caminhos percorridos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Saúde debate**. Rio de Janeiro, v. 43, n. 8, p. 5065, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010311042019001300050&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

WAUTIER, A. M. O trabalho em perspectiva: identidade e subjetividade. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 149-173, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/7929>. Acesso em: 06 Jun. 2020.

ZACCHI, V. J. Narrativa e identidade no MST. **Língua e Literatura**, Sergipe, n. 29, p. 2549, 2007. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114692>. Acesso em: 05 jun. 2020.